

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

ATENDIMENTO À CRIANÇA EM ALFABETIZAÇÃO: MEDIAÇÕES NA ZONA DE DESENVOLVIMENTO PROXIMAL

Amanda Bomfá Reis¹

Bruna Carolina Baroni²

Janaina Damasco Umbelino³

Eixo temático: Organização e práticas educativas na educação básica.

Palavras-chave: Alfabetização. Aprendizagem. Prática de ensino

A partir das últimas décadas do século XX, houve um aumento significativo no interesse pela dimensão afetiva do comportamento humano, especialmente no campo das ciências sociais e da psicologia. Esse interesse reflete uma mudança de paradigma, que passa a considerar não apenas os aspectos cognitivos e comportamentais, mas também os aspectos emocionais e sociais como centrais para a compreensão do ser humano. A ênfase na dimensão afetiva e nas interações sociais, juntamente com a visão integrada do ser humano, abriu novas possibilidades para pensar e reformular as práticas educacionais. Essas novas abordagens consideram não apenas o desenvolvimento cognitivo das crianças, mas também seu desenvolvimento emocional, social e cultural.

Segundo Leite e Tassoni (2002, p. 114):

[...] na área educacional, a crença de que a aprendizagem é social, mediada por elementos culturais, produz um novo olhar para as práticas pedagógicas.

¹ Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, (amandabomfa97reis@gmail.com). Graduanda do curso de Pedagogia.

² Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, (bruhcbaroni@gmail.com). Mestranda do programa de Pós-Graduação.

³ Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, (janadumbelino@gmail.com). Coordenadora do Projeto “Atendimento a criança em alfabetização”.

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

A preocupação que se tinha com “o que ensinar” [...], começa a ser dividida com o “como ensinar” [...]

Compreendemos que a vivência escolar desempenha um papel fundamental no desenvolvimento integral da criança. A escola oferece um ambiente diferente daquele que a criança vivencia no contexto familiar ou em outros meios sociais, proporcionando situações sistematizadas para a socialização e a aprendizagem de novas habilidades. Além disso, as relações afetivas desenvolvidas na escola, tanto com professores quanto com colegas, contribuem para o crescimento emocional e social das crianças. Essas experiências ajudam a construir a autonomia, a confiança e a empatia, complementando a educação recebida no ambiente familiar.

Libâneo (2001) ao descrever o termo educação, acerta na afirmação de que se trata de um complexo conjunto de processos, influências, estruturas e ações, que

intervêm no desenvolvimento humano de indivíduos e grupos na sua relação ativa com o meio natural e social, num determinado contexto de relações entre grupos e classes sociais, visando a formação do ser humano. **A educação é, assim, uma prática humana, uma prática social, que modifica os seres humanos nos seus estados físicos, mentais, espirituais, culturais, que dá uma configuração à nossa existência humana individual e grupal.** (LIBÂNEO, 2001, p. 160, grifos nossos).

A educação, portanto, pode ser compreendida como um processo de socialização dos indivíduos, no qual eles assimilam e adquirem conhecimentos. Esse processo se manifesta em uma série de habilidades e valores que promovem mudanças intelectuais, emocionais e sociais. As construções dessas relações se estabelecem na escola, na promoção do ensino formal, ao entrar na escola, a criança continua seu desenvolvimento por meio das relações sociais, que são essenciais para a aprendizagem.

No processo de mediação formativa, é fundamental considerar o conceito de desenvolvimento. Isso é imprescindível para criar novas aptidões e funções psíquicas que contribuam para o crescimento e amadurecimento do ser humano. O desenvolvimento, nesse contexto, refere-se não apenas ao crescimento físico, mas também ao avanço intelectual,

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

emocional e social do indivíduo. A mediação, portanto, deve estar alinhada com as necessidades e capacidades em evolução de cada pessoa, promovendo um progresso integral e contínuo.

Para Vygotsky (2007, p. 103) “aprendizado não é desenvolvimento; entretanto, o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental”. Portanto, a aprendizagem oferece maior oportunidade de desenvolvimento.

Segundo o autor, existem dois níveis distintos de desenvolvimento. O desenvolvimento real, a qual este nível é caracterizado pela capacidade do indivíduo, seja uma criança ou um aprendiz de modo geral, de resolver um problema de forma independente, sem a ajuda de outra pessoa. Ele reflete o que a pessoa já é capaz de fazer sozinha. Ademais, o desenvolvimento potencial é determinado pela capacidade de resolver um problema com a orientação ou assistência de outra pessoa mais experiente ou capacitada. Ele representa aquilo que o indivíduo pode alcançar com o apoio adequado.

Esses conceitos destacam a importância da interação social e do apoio no processo de aprendizagem, sublinhando que o desenvolvimento ocorre não apenas de forma autônoma, mas também em colaboração com outros. Entre esses dois níveis forma-se a Zona de Desenvolvimento Próximo que é “a distância entre o nível de desenvolvimento real [...] e o nível de desenvolvimento potencial” (VYGOTSKY, 2007, p. 97).

Além disso, o conceito de "zona de desenvolvimento proximal" conceituado por Vigotski é central para entender como a aprendizagem acompanha o desenvolvimento da criança, pois refere-se à distância entre o que a criança pode fazer sozinha e o que pode fazer com a ajuda de outros. A educação eficaz ocorre quando o ensino é direcionado a essa zona, desafiando a criança a expandir suas habilidades enquanto recebe suporte adequado. A curiosidade e a inquietação natural das crianças são motores poderosos para o aprendizado, e o papel da educação é nutrir essas qualidades, proporcionando um ambiente rico e estimulante que acompanhe e promova o desenvolvimento contínuo da criança.

O desenvolvimento da criança não segue automaticamente o ritmo da aprendizagem escolar, da mesma forma que uma sombra segue um objeto. Isso significa que cada criança

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

pode estar em diferentes estágios de desenvolvimento, e o processo de ensino precisa ser organizado para atender às suas necessidades específicas.

Vigotski (1999a) traduz a complexidade do conceito de mediação e contribui para uma perspectiva dialética da aprendizagem. Nessa abordagem, há ênfase nas possibilidades de aquisição de conhecimento que emergem a partir da elaboração do conceito de zona de desenvolvimento proximal.

Propomos que um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, **o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas e seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros**. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente de crianças (Vigotski, 1999a, p. 118, grifos nossos).

A teoria de Vigotski oferece uma compreensão rica e complexa do desenvolvimento infantil, enfatizando que esse processo é influenciado por fatores sociais, culturais e históricos. A escola desempenha um papel vital na construção do sujeito, não apenas como um local de aquisição de conhecimentos acadêmicos, mas também como um espaço onde se constroem habilidades sociais, emocionais e cognitivas de maneira mais estruturada e diversificada do que em casa.

Uma das principais contribuições da teoria vigotskiana é o conceito de que o desenvolvimento infantil é mediado pela cultura e pelas relações sociais. A linguagem e as práticas culturais são vistas como ferramentas mediadoras que permitem à criança internalizar conceitos e habilidades. Assim, a escola, como um espaço social e culturalmente diverso, oferece às crianças experiências que vão além das vivências familiares, proporcionando um ambiente enriquecido de interações e aprendizagens.

A ideia é que o desenvolvimento cognitivo da criança não se limita apenas ao que ela já sabe ou é capaz de fazer de forma independente, mas também ao que ela pode potencialmente aprender com o apoio adequado. Assim, o papel dos profissionais da educação é crucial. Eles devem ser sensíveis e atentos ao estágio de desenvolvimento de cada criança, identificando suas necessidades e oferecendo o suporte necessário para que possam progredir.



IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

Ao reconhecer essas diferenças individuais, os educadores podem criar ambientes de aprendizagem que sejam desafiadores, mas acessíveis, promovendo o crescimento contínuo das habilidades da criança. Isso inclui a criação de oportunidades para a criança explorar novas ideias, resolver problemas e interagir socialmente de maneira significativa. O olhar atento e sensível dos profissionais é fundamental para garantir que cada criança receba o apoio necessário para alcançar seu potencial máximo dentro do ambiente escolar.

Ao adotar uma abordagem disciplinar que reconhece a complexidade do desenvolvimento infantil e o papel fundamental da escola nesse processo, os educadores podem ajudar a construir uma base sólida para o crescimento integral das crianças. Isso implica uma reflexão contínua sobre as práticas educativas e a adaptação dessas práticas às necessidades e potencialidades de cada aluno.

A partir deste enfoque, o presente texto apresenta, a partir desta perspectiva teórico-metodológica, a estrutura de um projeto de extensão, cujo andamento ocorreu em duas escolas (uma urbana e outra do campo), com crianças de primeiro e segundo ano do ensino fundamental I, no período de 12 meses. O desenvolvimento do projeto, além de estar ancorado na teoria histórico-cultural, objetivou, trabalhar com crianças que apresentavam dificuldades de aprendizagem. Para o desenvolvimento das ações do projeto, contamos com uma equipe formada por uma pedagoga recém-formada, cinco bolsistas do curso de Pedagogia um voluntário o curso de Pedagogia e a coordenadora do projeto.

As crianças foram organizadas em pequenos grupos, e participavam das atividades uma vez na semana. Alguns grupos aconteciam no período contrário da aula regular, outros no período em que estavam matriculadas. O planejamento se deu primeiramente com a escuta da equipe pedagógica (professores, direção e coordenação), a qual foram identificadas as crianças que participariam do Projeto. Na sequência, as bolsistas observaram as respectivas salas de aula. Ainda no período inicial do desenvolvimento das atividades do Projeto fizemos uma avaliação para identificar o nível de desenvolvimento de cada criança.

No decorrer do projeto, reconhecemos o interesse e dificuldade de cada criança, organizando o planejamento com o que foi observado. Um exemplo foi o interesse das crianças

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

pelo continente africano. Tal interesse foi resultado do contato deles com a bolsista, estudante de pedagogia, natural da Angola. Como observaram a diferença do modo de falar, ou seja o sotaque da estudante, as crianças quiseram saber mais do seu local de origem. Com isso, pautamos o nosso planejamento a partir deste motivo.

Iniciamos nosso trabalho a partir das máscaras africanas. Trouxemos seu contexto, explicando o que as máscaras podiam significar. Na sequência, cada criança confeccionou sua máscara livremente, utilizando referências apresentadas por meio de parlendas. Depois orientamos para que cada um registrasse por meio de frases e/ou textos o que sua máscara significava. Poucas crianças escreviam sozinhas, entretanto com o auxílio das bolsistas cada uma escreveu seu texto.

Esta tarefa iniciou com a escrita das palavras com o alfabeto móvel. Pedíamos para que elas falassem a palavra que queriam escrever e destacávamos o som dos fonemas, perguntado “que som é esse?” “que letra você acha que representa este som”?

Ao final, as crianças produziram seus textos sobre as máscaras confeccionadas. Esse planejamento durou uma tarde de aula. Nosso objetivo foi fazer a relação entre o que as crianças conheciam acerca da língua e o conteúdo da escrita que precisavam se apropriar. Aqui trabalhamos com a relação entre o nível atual e o nível de desenvolvimento iminente de cada criança. Que significa que

“com ajuda desse método podemos considerar não apenas o processo de desenvolvimento finalizado no dia de hoje, não apenas seus ciclos finalizados, não apenas os processos de amadurecimento já percorridos, mas também os processos que estão, neste momento, em formação, que ainda estão amadurecendo, ainda se desenvolvem.” (Vigotski, 2021)

Utilizando tarefas dirigidas e orientadas continuamente, a criança se apropria do que ainda não tem domínio, primeiramente com o auxílio do outro, em coletivo. Com esse movimento, ela internaliza e torna dela o que antes precisava da ajuda do adulto ou de uma

IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

criança mais experiente. Esses processos, Vigotski chama de desenvolvimento das funções psíquicas, que é descrito pelo autor da seguinte forma:

no desenvolvimento da criança, toda função psíquica superior surge em cena duas vezes: inicialmente, como atividade coletiva, social, ou seja, como função intersíquica, e, pela segunda vez, como atividade individual, como um meio interno de pensamento da criança, como função intrapsíquica. (Vigotski, 2021)

Com as tarefas direcionadas e coletivas trabalha-se com a função intersíquica da criança, com o passar do tempo esse processo coletivo se torna interno, como função intrapsíquica, é quando a criança aprende, se apropria do conhecimento.

Com as crianças do campo, o planejamento das máscaras africanas precisou ser adaptado, considerando o contexto e a história de escolarização do grupo. Iniciamos introduzindo o contexto, as referências e elas fizeram as máscaras, mas para escrever os significados de cada uma, optamos por palavras ao invés de produção textual. Isso aconteceu por considerarmos o nível de desenvolvimento das crianças, que estavam no nível inicial da leitura e da escrita, e apresentavam dificuldade em relacionar grafema e fonemas. Sozinhas, elas conseguiram pensar na palavra e oralizar o que colocariam de significado para as máscaras, mas não conseguiram registrar no papel. Com o nosso auxílio, elas conseguiram escrever as palavras. Consideramos que o objetivo de nosso planejamento foi alcançado, porém por meio de estratégias de ensino diferentes.

Diante do que apresentamos, consideramos que o Projeto Atendimento à Criança em Alfabetização, mostrou-se como uma possibilidade de organização de ensino para contribuir para a superação de dificuldades de aprendizagem. Isso se deu por considerar, em todo o seu desenvolvimento, ações planejadas e intencionais, partindo do que as crianças já sabiam, sobre o processo de leitura e escrita, e produzindo motivos para que elas alcançassem saltos qualitativos no seu desenvolvimento.



IV SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

23, 24 E 25/09

Referências

LEITE, S. A. da S.; TASSONI, E. C. M. **A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor.** In: AZZI, R. G.; SADALLA, A. M. F. de A. **Psicologia e formação docente: desafios e conversas.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002, p. 113-141.

VIGOSTKI, L. S. **Psicologia, Educação e Desenvolvimento: Escritos de L. S. Vigostki 1.** ed. São Paulo: Expressão Popular.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas.** Educar, Curitiba, n. 17, p. 153-176. 2001.

VIGOTSKI, L. S. (1999a). **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes.

VYGOTSKY, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** Organizadores Michael Cole et al. Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

